

Em todos os lugares da terra aonde alcançam os automóveis e as estradas de ferro dessa nova raça, aonde seus aviões aterrissam, a própria crosta terrestre se metamorfosea por baixo de seus pés. Em vez das antigas formas dos prados, das florestas, das povoações e das casas, criadas paulatinamente no correr dos séculos, novas linhas recortam agora as planícies, novas figuras se delineam na paisagem e dela erguem-se novas silhuetas de pedra e aço. E todas essas linhas, todas essas figuras, todos esses corpos são criações da razão calculadora e são subordinadas a fins utilitários.

Ao passo que as moradias nasciam outrora do ritmo do solo, que os logradouros públicos e os edifícios das civilizações anteriores incarnavam formas simbólicas; que a volta em redor do ovo emprestava sua forma às pistas de corridas da antiguidade, e as paredes das igrejas cristãs observavam a forma da cruz e nasciam as catedrais da planta misteriosa e secreta dos "Pedreiros" e era a direção sagrada do Levante que determinava a posição das capelas e dos altares, eis que, por fim, ao contrário, as curvas e os ângulos da nova arte de construir, suas linhas empertigadas proclamam exclusivamente a glória da Razão, a vitória de seus cálculos sobre todas as imprecisões da natureza e do material. Estabilidade, preço baixo, rendimento, aproveitamento do material e do espaço, — eis os recônditos segredos arquitetônicos daqueles "pedreiros da Razão" que erguem seus monumentos em suprema homenagem à ciência do cálculo.

A força da máquina e de sua organização sistemática, que, de acordo com suas leis, determina o andamento do trabalho, a construção das casas e a transformação do panorama, penetra pouco a pouco no íntimo dos homens, domina seu modo de viver, sua moral e seus costumes, seu gosto, o encadeamento de suas idéias e o timbre de suas palavras. Dalí por diante, vestem-se uniformemente, vivem e amam entre armários embutidos standardizados, utensílios de cozinha elétrica standardizados e camas igualmente standardizadas. Pensam conforme tipos e normas e, para exprimir as mesmas idéias, recorrem às mesmas palavras. Os grandes bazares, por sua vez, cujos catálogos contêm cem mil números, estão agora habilitados, em troca da remessa prévia de um cheque, a fornecer logo "instalações completas", o completo equipamento de fazendas, inclusive as máquinas agrícolas, as vacas e o galinheiro, bem como a cultura intelectual de qualquer espécie, de acordo com os desejos do freguês.

Até a pintura dessa época intelectual cai sob o encanto dessa febre generalizada de mensuração e de racionalização. De fato, não podemos de outro modo interpretar o cubismo, que Roger Allard define como "a vontade conciente de restabelecer na pintura a noção de medida, volume e peso".

Esforçando-se por "deshumanizar" a forma humana, por estilizá-la em formas geométricas, "em coletividades sociais e cósmicas"

Picasso lança um programa que sua escola exprime literariamente pela fórmula: o espaço tem de ser apresentado "como um sistema de linhas, de unidades espaciais, de equações e de proporções quadrangulares e cubistas". Introduzir uma ordem nova "neste caos matemático", eis a missão do artista.

Todavia, aqui e ali, ressurgem sempre um ou outro romântico que protesta contra a secularização do homem, contra a mecanização da vida, contra a standardização de todas as suas manifestações. Sua linguagem, porém, já cessara de ser entendida, pois que as expressões "integralidade", "não-reiterabilidade do homem", "crescimento orgânico" representam palavras de há muito desbotadas, datando, pelo menos, do princípio do século anterior.

E' verdade que a gente, dia por dia, aperta sempre o mesmo parafuso, sempre se cinge a fabricar peças, mora em casas idênticas e pensa as mesmas idéias. Mas justamente essa uniformidade representa a grande segurança! O uniformemente idêntico é calculável e livre de perigos. A gente repousa entre coisas que funcionam de modo seguro. A natureza, a despeito de todas as suas violências, não pode ameaçar seriamente um mundo que aproveita a divisibilidade do trabalho.

O mundo se tem agora tornado um grande mecanismo alicerçado no grande sistema da Razão. Esta Razão, por sua vez, mantém ininterruptamente sob seu jugo aquela obra genuinamente sua. Outrora, tudo o que existe, desde a pedra inerte até o arcanjo, a Idade-Média o ordenara num plano da Criação, que tirava seu sentido da Divindade. Agora, assistimos à formação dum sistema universal fechado da Ratio calculadora, no qual, tudo, desde a pedra inerte até a frase sonora, se encontra devidamente classificado dentro duma ordem de comensurabilidade, divisibilidade e reiterabilidade. Neste sistema, tudo adquire seu sentido do poder supremo do Homem feito Deus, da oportunidade prática. Quem humildemente se encaixa como peça, como parafuso, nessa engrenagem eterna, acha-se em segurança: parafuso em meio de parafusos, coisa em meio de coisas, pode sentir-se maravilhosamente abrigado.

Nas parábolas de Tchuang-Tsê, vem referido o caso dum homem chamado Tsê-Kung, que, voltando de Tchu para Tsin, avistara uma vez, perto duma localidade ao norte do rio Han, um homem velho a cavar uma valeta para ligar seu quintal a uma fonte. Tirava água da fonte, num balde, despejando-a na valeta, um grande trabalho para um resultado mui pequeno.

"Se tivesses tua máquina", gritou-lhe Tsê-Kung, "poderias num dia irrigar um pedaço de terra cem vezes maior com muito menos trabalho. Não gostarias de possuir uma?"